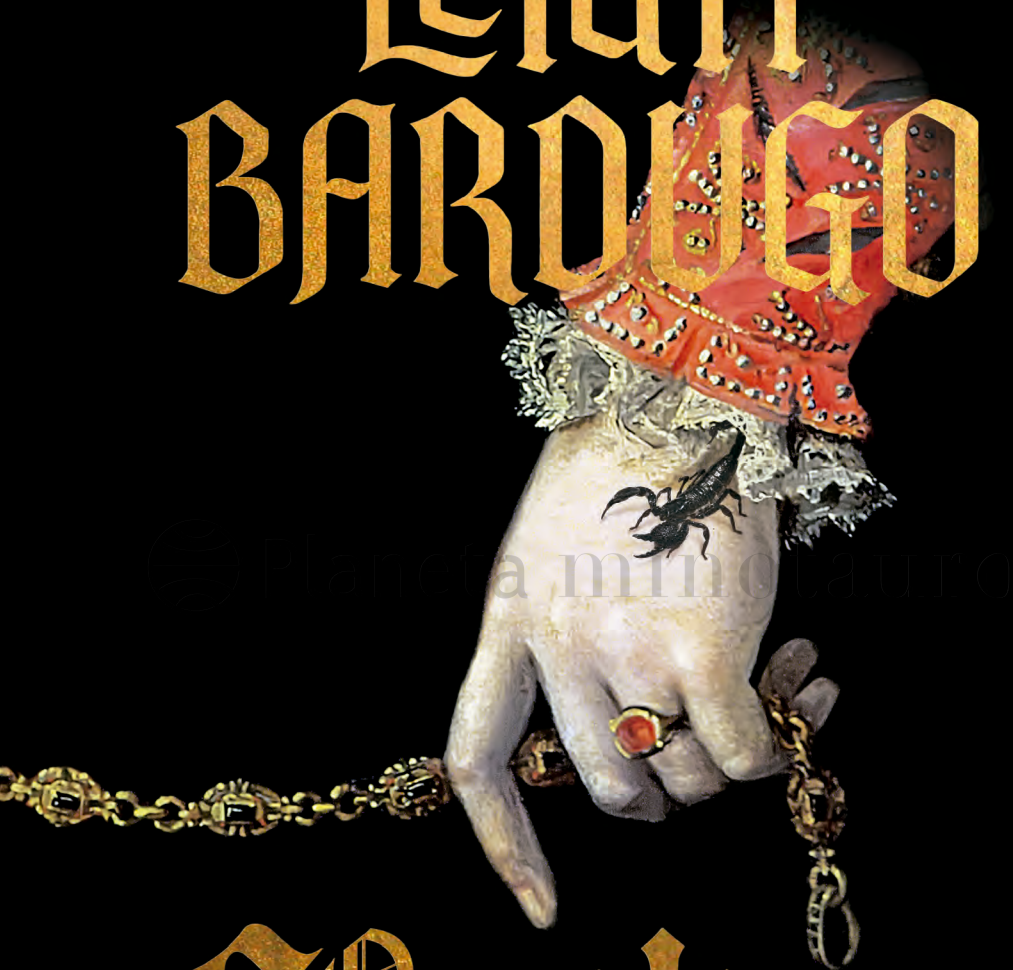


AUTORA #1 DO *THE NEW YORK TIMES*

LEIGH
BARDUGO



familiar

romance

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

LEIGH BARDUGO

 Planeta minotauro

familiar

Tradução
Isadora Prospero

 Planeta minotauro
TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Leigh Bardugo, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Isadora Prospero, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *The familiar*

Preparação: Caroline Silva
Revisão: Carlos Silva e Lígia Alves
Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao
Capa: Jim Tierney
Ilustração de capa: Aastels / Shutterstock; Juan Pantoja de la Cruz (1553–1608) /
Bridgeman Images
Adaptação de capa: Isabella Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bardugo, Leigh
O familiar / Leigh Bardugo ; tradução de Isadora Prospero. -- São Paulo :
Planeta do Brasil, 2025.
416 p.
ISBN 978-85-422-3151-9
Título original: The familiar

1. Ficção norte-americana I. Título II. Prospero, Isadora
25-0196

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Capítulo 1



Se o pão não tivesse queimado, essa seria uma história muito diferente. Se o filho da cozinheira não tivesse voltado tarde para casa na noite anterior, se a cozinheira não soubesse que ele estava às voltas com aquela dramaturgia, se ela não tivesse ficado acordada de noite, preocupando-se com a alma imortal dele e chorando pelo destino de seus possíveis netos, se ela não estivesse tão cansada e distraída, o pão não teria queimado e as calamidades que se seguiram poderiam ter acometido alguma outra casa que não a Casa Ordoño, em alguma outra rua que não a Calle de Dos Santos.

Se, naquela manhã, Don Marius tivesse se inclinado para beijar a bochecha da esposa antes de cuidar dos negócios do dia, essa seria uma história mais feliz. Se ele a tivesse chamado de *minha querida*, *minha pombinha*, *minha bela*, se tivesse notado o lápis-lazúli em suas orelhas ou as flores que ela tinha colocado no saguão, se Don Marius não tivesse ignorado a esposa para ir até os estábulos de Hernán Saravia e examinar cavalos que nunca teria dinheiro para comprar, talvez Doña Valentina não tivesse se

dado ao trabalho de descer à cozinha, e toda a tragédia que se seguiria teria se vertido na sarjeta e rolado até o mar. Ninguém teria que suportar nada além de uma tigela de mariscos melancólicos.

Doña Valentina fora criada por pais frios e distraídos que sentiam por ela um vago senso de decepção por sua beleza tépida e a improbabilidade de que arranjasse um bom casamento. E não arranjou. Don Marius Ordoño possuía uma fortuna decadente, terras coroadas com oliveiras que não davam fruto e uma casa de boas proporções, mas modesta, em uma das melhores ruas de Madri. Ele era o melhor que Valentina, com seu dote pouco notável e rosto ainda menos, poderia esperar. Quanto a Marius, ele já fora casado uma vez, com uma herdeira ruiva que tinha entrado na frente de uma carruagem e morrido pisoteada poucos dias após o casamento, deixando-o sem filhos ou uma única moeda da fortuna de seus pais.

No dia de seu casamento, Valentina usou um véu de renda dourada e pentes de marfim no cabelo. Don Marius, fitando o reflexo deles no espelho aquoso apoiado na parede da sala frontal de sua casa, tinha se surpreendido com a pontada de luxúria que o tomou, inspirada, talvez, pelos olhos esperançosos da noiva ou pela visão de si mesmo em seu traje de casamento. Mas é mais provável que tenha sido movido pelas cerejas em licor que tinha comido a manhã toda, mastigando-as devagar em vez de conversar com o novo sogro. Naquela noite, caiu sobre a noiva em um frenesi de paixão, sussurrando poesia nos ouvidos dela, mas conseguira dar apenas algumas estocadas desajeitadas antes que a vertigem o dominasse e ele vomitasse os corpos carnosos e meio mastigados das cerejas em licor em cima dos trajes nupciais que Valentina bordara com as próprias mãos ao longo de muitas semanas.

Nos meses e anos seguintes, Valentina se lembraria daquela noite quase que com nostalgia, dado que o ardor de Marius, impulsionado pelas cerejas, fora o único sinal de paixão ou mesmo de interesse por ela que ele já havia demonstrado. E, embora fosse verdade que ela simplesmente

passara de um lar sem amor para o outro, isso não significava que não sentisse a ausência de amor. Doña Valentina não tinha um nome aceitável para o anseio que sentia nem qualquer ideia de como aliviá-lo, então ocupava seus dias irritando os poucos criados deles com constantes correções e existindo em um estado de insatisfação sem fim.

Foi por isso que ela desceu à cozinha naquela manhã – não uma, mas duas vezes.

A cozinheira se tornava cada vez mais instável à medida que a obsessão do filho pela dramaturga Quiteria Escárcega se tornava conhecida, então Doña Valentina fazia questão de ir vê-la toda manhã. Naquele dia, quando desceu as escadas, sentindo o calor aumentar ao redor dela, foi cumprimentada pelo odor inconfundível de pão queimado e quase desmaiou com o prazer de ter algo tangível do qual reclamar.

Mas a cozinheira não estava lá.

Valentina pretendia ficar ali, suando no calor do fogão, a raiva crescendo até um fervilhar furioso, refinando um longo discurso contra o desperdício, a negligência e o caráter como um todo da cozinheira. Mas uma batida soou na porta lá em cima, e Valentina sabia que deveria ser alguém querendo falar com seu marido sobre as oliveiras dele. Poderia até ser um convite – improvável, mas a mera esperança foi suficiente para fazê-la se mover. Não havia mais ninguém para atender a porta na Casa Ordoño. O marido deixara claro que eles não podiam bancar mais criados e que ela tinha sorte de ter uma cozinheira e uma criada de cozinha para ajudá-la na casa. Não havia o que fazer além de pôr sua fúria de lado e subir outra vez os degraus com passos pesados, secando o rosto úmido com a manga.

Quando marchou escada abaixo de novo, com uma carta do pai não lida enfiada na manga, ouviu a cozinheira tagarelando sobre alguma coisa com a criada atarracada, que cheirava à umidade e estava sempre tropeçando pela casa olhando para os próprios pés desajeitados.

— Águeda — disse Valentina quando irrompeu na cozinha, a voz vibrando com a nota virtuosa de uma boa reprimenda —, pode me dizer

por que achou adequado desperdiçar a fortuna do meu marido e o meu tempo ao queimar o pão mais uma vez?

A cozinheira olhou para ela com indiferença, os olhos mal-humorados vermelhos após chorar pelo filho tolo, e voltou o olhar para a mesa no centro da cozinha, onde o pão aguardava na assadeira preta.

Mesmo antes de olhar, Valentina sentiu-se corar, a humilhação se aproximando como uma tempestade súbita. O pão estava ali dentro, uma pequena almofada dourada em sua cama de ferro, o topo alto, reluzente e marrom-dourado, perfeitamente crescido, perfeitamente assado.

Doña Valentina queria examinar o pão, cutucá-lo com o dedo e declará-lo mentiroso. Ela vira aquele mesmo pão minutos antes, enegrecido e arruinado, seu domo de crosta desmoronando de calor. E sabia, *sabia* que não era outro pão tirado do fogo para substituir o primeiro, porque reconhecia aquela assadeira de ferro com sua leve moessa no canto.

Não era possível. Ela só tinha saído por alguns minutos. *Estão me pregando uma peça*, pensou Valentina. *A cozinheira idiota e a criada idiota estão tentando me provocar, tirar uma reação de mim e me fazer de idiota*. Ela não lhes daria esse prazer.

— Você já queimou pão antes — disse ela, com leveza — e não tenho dúvida de que o fará de novo. Certifique-se se que nossa refeição do meio-dia não chegue atrasada à mesa.

— Don Marius vai jantar em casa, señora?

Valentina considerou estapear o rosto convencido da mulher.

— Acredito que não — disse ela, alegre. — Mas duas amigas se juntarão a mim. O que vai preparar?

— O porco, señora. Como pediu.

— Não — corrigiu Valentina. — Eu pedi codorna. O porco é para amanhã, é claro.

Novamente a cozinheira a encarou, os olhos duros como tocos de carvão.

— É claro, señora.

Valentina sabia muito bem que tinha pedido o porco. Ela planejava as refeições da casa com uma semana de antecedência, como sempre. Mas era bom que a cozinheira se lembrasse de que aquela era a casa dela e que ela não seria o alvo de uma brincadeira.

Depois que Doña Valentina saiu, Luzia depenou a codorna e ouviu a cozinheira murmurar raivosamente enquanto deixava de lado o cozido de porco, as panelas e travessas fazendo uma algazarra. Apesar de seu ataque histérico, o porco poderia ser guardado até o dia seguinte sem grandes problemas. Foram os modos de Doña Valentina que tinham azedado ainda mais o humor infeliz de Águeda. Luzia quase estava grata. Uma Águeda furiosa era companhia melhor do que uma Águeda deprimida.

Ainda assim, a infelicidade de Doña Valentina se infiltrava em tudo. Cada vez que ela vinha à cozinha, Luzia se preocupava que sua amargura pudesse azedar o leite ou apodrecer os legumes. Sua tia a avisara, muito tempo antes, que algumas pessoas traziam infelicidade consigo como o mau tempo, e contara a história de Marta de San Carlos, que, traída pelo amante, saíra para passear nos caminhos frondosos junto ao Alcázar e chorou por tanto tempo e com tanta força que os pássaros se uniram a ela. Por anos depois disso, qualquer um que entrasse nos jardins e visse os pássaros era tomado pela tristeza. Pelo menos era o que sua tia dizia.

Quando Luzia vira o pão queimar, não pensou muito antes de passar a mão sobre ele e cantar as palavras que a tia lhe ensinara – “*Aboltar cazal, aboltar mazal*”. Uma mudança de cena, uma mudança de sorte. Ela as cantarolou muito baixinho. Não eram exatamente em espanhol, assim como Luzia não era exatamente espanhola. Mas Doña Valentina nunca a aceitaria naquela casa – nem mesmo naquela cozinha escura, quente e sem janelas – se detectasse qualquer indício de judaísmo nela.

Luzia sabia que deveria tomar cuidado, mas era difícil não fazer algo do jeito fácil quando tudo o mais era tão difícil. Ela dormia toda noite no chão do porão, em um colchão de trapos que costurara, tendo um saco de farinha como travesseiro. Acordava antes da aurora e saía no beco frio para se aliviar, depois voltava e atiçava o fogo antes de ir à Plaza del Arrabal pegar água da fonte, onde via as outras criadas e lavadeiras e esposas, dizia seus bons-dias, enchia seus baldes e os equilibrava nos ombros para voltar à Calle de Dos Santos. Então punha a água para ferver, tirava os insetos do painço e começava a preparar o pão do dia, se Águeda ainda não tivesse começado.

Era trabalho da cozinheira visitar o mercado, mas, como seu filho tinha se apaixonado pela elegante dramaturga, era Luzia que pegava a bolsinha de dinheiro e caminhava entre as barracas, tentando encontrar o melhor preço de cordeiro e cabeças de alho e avelãs. Ela não sabia barganhar, então às vezes, no caminho de volta para a Casa Ordoño, ao perceber que estava sozinha numa rua, sacudia a cesta e cantava “*Onde irás, amigos toparas*” – aonde quer que vá, que possa encontrar amigos – e, onde havia meia dúzia de ovos, haveria uma dúzia.

Quando ainda estava viva, a mãe de Luzia a alertara de que ela queria coisas demais, e alegava que era porque Luzia tinha nascido no dia da morte da terceira esposa do rei. Quando a rainha morreu, suas cortesãs se jogaram contra as paredes do palácio e seu choro foi ouvido por toda a cidade. Não se devia lamentar os mortos; diziam que isso era negar o milagre da ressurreição. Mas a morte de uma rainha era diferente. A cidade deveria lamentar seu falecimento, e seu cortejo fúnebre foi um espetáculo comparável apenas à morte do seu enteado, Carlos, que acontecera mais cedo naquele mesmo ano. O primeiro choro de Luzia ao entrar no mundo estava misturado com o choro de cada madrilenho pela rainha perdida.

“Isso a confundiu”, Blanca contou a ela. “Você achou que era o motivo desse choro, o que lhe deu ambição em excesso.”

Uma vez, embora a tia a tivesse alertado contra tais coisas, Luzia tentara usar a mesma cantiga de amizade com as próprias moedas. A bolsinha

tinha sacudido alegremente, mas, quando enfiou a mão lá dentro, algo a mordeu. Doze aranhas de cobre saíram de lá e fugiram depressa. Ela teve que cantar para o queijo, o repolho e as amêndoas para compensar o dinheiro perdido, e Águeda ainda a chamara de idiota e inútil quando vira o conteúdo da cesta de compras. Era isso que se ganhava com a ambição.

A tia Hualit só rira quando Luzia contou a ela.

— Se um pouquinho de magia pudesse nos tornar ricas, sua mãe teria morrido num palácio cheio de livros e eu não teria tido que foder com um homem para conseguir essa linda casa. Você tem sorte por ter sido só uma mordida de aranha.

A tia lhe ensinara as palavras, tiradas de cartas escritas em países do outro lado do mar, mas a melodia sempre foi de Luzia. As canções simplesmente entravam em sua cabeça, as notas criando uma vibração agradável na sua língua – para duplicar o açúcar quando não havia dinheiro para mais, para acender o fogo quando as brasas tinham esfriado, para reparar o pão quando estava com o topo queimado. Pequenos jeitinhos de evitar pequenos desastres, de tornar os longos dias de trabalho um pouco mais suportáveis.

Ela não tinha como saber que Doña Valentina já tinha ido à cozinha naquela manhã, ou que vira o pão queimado na assadeira. Porque, embora Luzia tivesse nascido com certos talentos, a providência não era um deles. Ela não era dada a visões ou transes. Não via futuros nos padrões do sal derrubado. Se visse, teria sabido que seria melhor deixar o pão intocado, e que seria muito melhor suportar o desconforto da raiva de Doña Valentina do que o perigo do seu interesse.

Capítulo 2



Valentina não tinha uma criada pessoal, então cabia à criada da cozinha ajudá-la a se despir toda noite, apagar as velas, limpar as janelas e fechá-las bem e dispor os penicos sob as camas. Em geral, Valentina conseguia ignorar a garota. Ela era uma empregada decente, apropriadamente sem graça em suas roupas de linho e lã, do tipo que não atraía atenção. Era um dos motivos de Valentina a ter contratado, embora, verdade fosse dita, ela não tivesse tido muita escolha. O pagamento que podia oferecer era baixo e, com tão poucas mãos para ajudar, o trabalho era árduo.

Naquela noite, porém, enquanto a garota desenganchava as costas do seu vestido e passava a mão nele para tirar a poeira, Valentina perguntou:

— Qual é o seu nome?

Ela provavelmente já ouvira o nome da criada em algum momento, mas o usara pouco demais para lembrar.

— Luzia, señora — respondeu a garota, sem tirar os olhos do trabalho.

— E você tem um pretendente?

Luzia balançou a cabeça.

— Não, senhora.

— Que pena.

Valentina esperava um *sim, senhora* murmurado. Em vez disso, Luzia, dobrando o vestido e guardando-o no baú, disse:

— Há coisas piores para uma mulher do que ficar sozinha.

Eu era mais feliz na casa da minha mãe. O pensamento veio repentinamente à mente de Valentina, a dor súbita e arrebatadora. Mas, claro, não havia vergonha maior do que ser uma filha solteira, nada mais inútil do que uma mulher sem marido e filhos. *Essa garota é feliz?*, perguntou-se Valentina, a questão se formando em sua língua. Ela bateu os dentes, contendo as palavras. De que importava se uma criada era feliz, contanto que fizesse seu trabalho?

— Você e a cozinheira acharam que iriam rir às minhas custas hoje, não é?

— Não, senhora.

— Eu sei o que vi, Luzia.

Nesse momento a garota ergueu os olhos, e Valentina se chocou ao ver que eram castanho-escuros, quase pretos.

— O que viu, senhora? — perguntou ela, o olhar escuro como uma pedra de rio escorregadia. Valentina teve uma sensação inquietante ao perceber que estavam sozinhas no quarto, o silêncio da casa, a própria fraqueza. Sentiu que tinha aberto um armário e encontrado um lobo.

— Nada — conseguiu dizer, envergonhada quando a voz falhou. — Não vi nada. — Ela se levantou e cruzou o quarto, o bom senso retornando enquanto se distanciava da criada. — Seu olhar é muito ousado.

— Perdoe-me, senhora — disse Luzia, baixando os olhos novamente.

— Vá — disse Valentina, com o que esperava ser um aceno indiferente. Porém, quando Luzia partiu, trancou a porta.

Luzia não dormiu naquela noite e não assumiu riscos no dia seguinte. Esperou a água ferver sem cantar uma palavra sequer para apressá-la.

Reuniu lenha para o fogo sem dizer uma sílaba sequer para acendê-la. Não respirou direito até estar se apressando pela rua rumo a San Ginés. Doña Valentina a vinha observando atentamente desde o incidente com o pão. Ela não estava procurando magia; Valentina achava que Luzia e a cozinheira queriam pregar uma peça nela.

Mas, nas ruas, Valentina não podia segui-la. Nenhuma mulher em sua posição podia sair de casa sem marido ou pai ou padre para acompanhá-la. Luzia ouvira falar de damas ricas que quebravam ossos caindo do alto de casa, e uma que até morrera ao se inclinar demais para fora, tentando obter um vislumbre de algo novo. Às vezes, fazia uma brincadeira consigo mesma quando estava cansada ou quando suas costas doíam: será que preferiria ficar sentada numa almofada e bordar o dia todo, mas só ver a vida encerrada por um batente, ou preferiria outra caminhada até o poço? Quando os baldes estavam vazios, a resposta era fácil. Quando estavam cheios, não.

Ao passar na frente da casa, sentiu o olhar de Doña Valentina de sua janela alta, mas se recusou a erguer os olhos. Caminhou o mais rápido possível para San Ginés, as curvas e guinadas das ruas empoeiradas familiares, os quilômetros desaparecendo sob seus pés.

A tia de Luzia lhe dissera que ela deveria ser vista na igreja todo dia. Porém, quando entrava na nave escura, era na mãe que pensava, enterrada em algum lugar sob seus pés. Alguém sempre estava sendo enterrado em San Ginés, as pedras erguidas, reassentadas e desalojadas de novo, os corpos rearranjados para criar mais espaço.

Blanca Cotado tinha morrido em um hospital de indigentes, seu cadáver levado pelas ruas com os outros mortos para que o padre da paróquia pudesse coletar doações destinadas a missas para os falecidos. Luzia tinha dez anos e se lembrara das instruções da mãe, das preces verdadeiras que ela deveria recitar, um eco secreto na cabeça. Era um jogo que ela e a mãe jogavam, dizendo uma coisa e pensando outra, os pedacinhos de hebraico herdados parecidos com pratos lascados. Luzia não sabia se Deus a ouvia quando ela rezava nas sombras frescas de San Ginés ou se Ele entendia a

língua que ela falava. Às vezes isso a preocupava, mas nesse dia ela tinha outras preocupações.

Ela saiu pela porta leste da igreja até o jardim vizinho, com a estátua da Virgem Abençoada amamentando. *Ela pode ser Rute*, o pai dissera, *ela pode ser Esther*. Mas sua mãe vinha de uma longa linhagem de homens instruídos e sussurrara: *Essas estátuas não são para nós*. Os pés de Luzia a carregaram por uma rua lateral sinuosa que levava à Plaza de Las Descalzas, e depois até uma casa de tijolos com uma videira entalhada sobre a porta. Luzia a visitava a cada poucas semanas, mas iria todo dia se pudesse. Ela sempre carregava roupas de cama limpas na cesta de compras, para poder fingir que as trazia para uma das criadas de Hualit se por algum motivo fosse questionada. Mas nunca era. Luzia sabia ser invisível.

Uma vez ela vira o protetor de Hualit, Víctor de Paredes, saindo da casa da tia. Ele usava veludo preto e entrara em uma carruagem ainda mais preta, como se estivesse desaparecendo num poço de sombras, uma parte da noite que se recusava a retirar-se no sol da tarde. Para evitar questões para a tia, ela tinha passado reto pela porta de Hualit, fingindo que estava a caminho de algum lugar, mas não conseguira resistir a uma espiada dentro da carruagem. Só tivera um vislumbre das botas de De Paredes, e, na frente dele, encolhido num canto, um jovem esguio e adoentado, sua pele lisa e cintilante, seu cabelo de um branco frio como o peito de uma pomba, os olhos reluzindo como conchas de ostra. Quando encontrara seu olhar pálido, ela tivera a estranha sensação de que estava erguendo-se dos sapatos, e seguira às pressas, olhando para trás apenas quando teve certeza de que a carruagem se fora. Ainda era inverno, e ela ficara surpresa ao ver que as amendoeiras que se erguiam além dos muros da rua da tia tinham desabrochado, seus galhos espessos com tufo de flores brancas e tremulantes.

Hoje, não havia flores de amêndoas, nenhuma carruagem preta esperando na frente da casa, e tia Hualit abriu a porta pessoalmente, convidando-a a entrar com um sorriso.

Renda rígida e veludo preto eram a última moda, e Hualit os usava sempre que saía de casa, quando se tornara Catalina de Castro de Oro, amante de Víctor de Paredes. Mas, dentro de casa, no pátio elegante com sua fonte borbulhante, ela usava roupões de seda colorida, o cabelo preto e espesso caindo sobre os ombros em ondas aromatizadas com monarda.

Luzia sabia que era tudo uma ilusão. Um homem como Víctor de Paredes tinha gosto pelo exótico, e Hualit era ainda mais excitante que a pimenta-malagueta que chegava aos portos nos navios dele. Os navios de De Paredes nunca afundavam, por mais revoltos que estivessem os mares, e por toda a capital as pessoas cochichavam que isso era um sinal da proteção de Deus. Mas naquele pátio ele exclamava que Catalina de Castro de Oro era seu amuleto da sorte, e Luzia se perguntava com frequência se Hualit tinha lançado algum encantamento sobre seu protetor, dado que sua fortuna estava tão entrelaçada com a dele.

— Algo está errado — disse Hualit quando a porta se fechou. Ela agarrou o queixo de Luzia e examinou seu rosto, os dedos como pinças de ferro.

— Se me soltar, posso solucionar o mistério para você.

Hualit bufou.

— Você fala com raiva, mas eu sinto é cheiro de medo.

Ela gesticulou para que Luzia se juntasse a ela no sofá baixo no canto do pátio, habilidosamente adornado com almofadas bordadas. Nada disso era estritamente mouro, mas era tudo decadente o bastante para dar uma sensação de algo proibido a De Paredes. E o cenário combinava bem com Hualit. Tudo nela era suave e luxurioso, a pele cor de mel, os olhos luminosos. Luzia muitas vezes desejava ter nascido com qualquer porção da beleza da tia, mas Hualit só estalava a língua e dizia: “Você não é sábia o suficiente para a beleza, Luzia. Gastaria como dinheiro.”

A criada de Hualit, Ana, serviu vinho e uma bandeja de azeitonas e tâmaras na mesa baixa, dando uma batidinha no ombro de Luzia como se ela fosse um bichinho de estimação querido. Era a única criada da tia, uma mulher robusta que mantinha o cabelo prateado em três tranças

entrelaçadas nas costas. Amava jogos de cartas e mastigar sementes de anis, e, mais importante, nunca fazia fofoca.

— Como você sabe que pode confiar nela? — perguntou Luzia quando a criada se retirou.

— Ela já teve mil oportunidades de me trair e nunca aproveitou nenhuma. Se está esperando o momento certo, talvez morra antes de tentar a sorte. — Hualit serviu vinho em tacinhas de jade e disse: — Por que perguntar depois de todo esse tempo? E por que você parece tão preocupada? Há um vinco tão grande entre suas sobrancelhas que parece que bateu com uma pá na testa.

— Me deixe ficar aqui — disse Luzia, sem querer. O outono chegara e as folhas das videiras que se enrolavam nas colunas do pátio tinham um tom laranja luminoso, pendendo em certos pontos e revelando as tranças cinza retorcidas dos caules, as frutas colhidas havia muito para secarem. — Eu não aguento voltar para aquela casa. — Já era ruim o suficiente temer e se ressentir de Doña Valentina, mas sentir pena dela, testemunhando sua vigília solitária na janela à espera de um marido que mal era um marido, era insuportável.

— Seu pai nunca me perdoaria por corromper sua virtude.

Luzia fez uma careta.

— Vou sair da Casa Ordoño com as costas arruinadas e os joelhos encaroçados e as mãos ásperas como areia, mas pelo menos minha preciosa virtude estará intacta.

Hualit só riu.

— Exatamente.

Luzia sentiu vontade de jogar a taça de jade contra os azulejos, mas o vinho era bom demais e a meia hora que passava comendo tâmaras e ouvindo as histórias da corte de Hualit lhe era cara demais. Quando a mãe morreu e a instabilidade na vida deles se tornou um terremoto, Luzia desejou trabalhar na casa de Hualit, mas a mente do pai estava lúcida

o bastante para proibi-la. “Se trabalhar na casa de uma pecadora, será o fim de sua virtude. Você nunca terá um marido ou seu próprio lar.”

Luzia tinha grande dificuldade em imaginar como se casaria, já que passava todas as suas horas se matando de trabalhar na Casa Ordoño e atendendo às ordens de Doña Valentina. Quando ia ao mercado, via-se olhando o rosto de todos os jovens – e de alguns velhos também –, mas se tornara boa demais em se fazer invisível. Caminhava sem ser notada pelos açougueiros e peixeiros e fazendeiros. Tendo passado dos vinte anos havia um bom tempo, nunca tivera um pretendente, nunca sequer beijara alguém, exceto um bêbado que a tinha agarrado no mercado e tentado esfregar o rosto áspero contra o seu antes que ela chutasse sua canela.

Ela já ouvira e vira muitas coisas, homens e mulheres ajoelhados em becos estreitos, as saias erguidas, as calças abaixadas; beldades veladas em suas carruagens no Prado, damas elegantes indistinguíveis de prostitutas na escuridão; e conversas vulgares que flutuavam das barracas na *plaza*. “O quer torna uma mulher boa?”, um padre perguntara a um grupo de artistas a caminho de um dos *mentideros*. “Ela pode ter habilidade com a agulha”, disse um jovem ator, dramaticamente, para a plateia. “Ou talento para a conversa”, continuou. “Ou pode segurar o pau de um homem dentro de si e apertar até ele ver Deus”, exclamou, e a plateia irrompeu em risadas enquanto o padre berrava que todos arderiam no inferno.

Quando o pai de Don Marius adoeceu, Luzia fora chamada à casa do velho para ajudar a banhá-lo. Foi levada ao quarto dele e parou com as costas contra a porta fechada, apertando sua bacia cheia de água, o sabonete e a toalha, sussurrando toda prece que conhecia, segura de que a haviam deixado sozinha com um morto. Observara o corpo desidratado até ver seu peito estreito subir e descer. Mas, quando tentara banhá-lo, ele agarrara sua mão e a fechara ao redor do pau. Parecia um ratinho, macio e pulsante. Ele era forte, mas ela usara a outra mão para cobrir o nariz e a boca dele até soltá-la. Ela manteve a mão apertada no rosto dele até seus olhos reumáticos começarem a sair das órbitas. “Vou terminar de

banhá-lo agora, Don Esteban, e o señor vai ficar imóvel, ou vou quebrar esse seu graveto patético pela raiz.” Ele se tornara dócil depois disso. Tinha quase parecido satisfeito.

Essa era toda a sua experiência com corpos masculinos.

— Tem que haver mais que isso — disse ela, abaixando o vinho e fechando os olhos. — Por que me ensinar a ler se eu devo viver uma vida sem livros? Por que me ensinar latim se um papagaio teria mais oportunidades de falá-lo?

— Só Deus sabe para o que estamos destinados — disse Hualit. — Agora, coma mais uma tâmara. Faz bem para estômago azedo e autopiedade.

